

VIAGENS DE ESTUDO, DESLOCAMENTOS E O MAPEAMENTO DA ARQUITETURA DE ANGELO BUCCI EM ORLÂNDIA

STUDY TRAVELS, ROAD TRIPS AND THE MAPPING OF ANGELO'S BUCCI ARCHITECTURE IN ORLÂNDIA

Eduardo Pierrotti Rossetti

VIAGEM DE ESTUDO
ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA
ANGELO BUCCI
ORLÂNDIA
GEORREFERENCIAMENTO

A condição de trânsito das viagens de estudo tem o objetivo de ampliar a cultura arquitetônica por proporcionar o contato direto com edifícios, cidades, espaços e paisagens. Cruzando a Rodovia Anhanguera (SP-330), Orlandia é um destino a ser explorado, justamente pela arquitetura projetada por Angelo Bucci em sua cidade natal. A partir de uma viagem de estudos e da elaboração de um mapa on-line, marcando o georreferenciamento dessas obras no Google Earth, torna-se possível compartilhar esta experiência e oferecer um itinerário para circular por Orlandia, visitando a cidade para explorar esta produção.

STUDY TRAVELS
CONTEMPORARY ARCHITECTURE
ANGELO BUCCI
ORLÂNDIA
GEOREFERENCING

The transit condition of study trips aims to expand architectural culture by providing direct contact with buildings, cities, spaces and landscapes. Crossing the Anhanguera Highway (SP-330), Orlandia is a destination to be explored, precisely because of its architecture designed by Angelo Bucci in his hometown. From a study trip and the creation of an online map, marking the georeferencing of these works on Google Earth, it becomes possible to share this experience and offer an itinerary to travel around Orlandia, visiting the city to explore this production.

ISSN 1518-5494

ISSN-E 2447-2484

*Há flores de cores concentradas
Ondas queimam rochas com seu sal
Vibrações do sol no pó da estrada
Muita coisa, quase nada
Cataclismas, carnaval*

MARINA LIMA – ELA E EU (CAETANO VELOSO) – 1991

*Continente, cidade, país: não é tão sobeja
a escolha, a liberdade, quanto se deseja.
Aqui, ali... Não. Teria sido melhor ficar em casa,
onde quer que isso seja?*

ELIZABETH BISHOP – QUESTÕES DE VIAGEM

Nas experiências de deslocamentos, entre os polos de origem e destino, a Rodovia Anhanguera (SP-330) está incorporada de modo tão naturalizada aos deslocamentos pelo Estado de São Paulo que nós, paulistas, desconsideramos sua vinculação ao sistema rodoviário de escala nacional. A Anhanguera articula o porto e a cidade de Santos, no Litoral, com a cidade de São Paulo, e a partir de lá, define um eixo de entrada nas terras do interior do Estado, alinhando um corolário de cidades. A Rodovia Anhanguera também se integra ao sistema paulista de rodovias e, em duplo sentido faz as ligações capital/interior. Renomeada como BR-050, a Anhanguera também se integra ao sistema das rodovias federais, que se estruturam a partir de Brasília, operando como um dos tantos eixos rodoviários que se irradiam para todas as regiões do país. Articulada com a Rodovia dos Bandeirantes (SP-348), com a Rodovia Castello Branco (SP-280), com a Rodovia Marechal Rondon (SP-300) e com a Rodovia Washington Luiz (SP-310), a Anhanguera e todas essas estradas possibilitam percorrer o território, conectando a capital do Estado às paisagens, aos vastos campos transformados pela agricultura e pela pecuária, e aos parques industriais instalados em todo Estado.

Limeira e Orlandia são apenas duas, dentre as dezenas de cidades que são atravessadas pela Rodovia Anhanguera. Limeira e Orlandia são também duas dentre as centenas de cidades que fazem parte da genérica denominação “interior paulista”. A Rodovia Anhanguera que faz a ligação entre Limeira e Brasília é parte do mesmo caminho que para Angelo Bucci fazia a ligação entre Orlandia e Ribeirão Preto. Foi justamente neste trajeto que ele, ainda criança, teve seu primeiro contato indireto com a arquitetura de Oscar Niemeyer através do Posto Alvorada, um posto de gasolina na margem da estrada, cuja fachada fazia alusões à arquitetura do palácio de Brasília. (CAVALCANTI, 2014, p.140-145) Ou seja, a primeira experiência de Bucci com Niemeyer foi na estrada. O arquiteto recobra esta lembrança, apontando o quanto a arquitetura de Brasília ficou impregnada em sua memória, com formas definidas por traços que uma criança que estava aprendendo sobre a nova capital poderia reter e desenhar. Bucci recobra o impacto imagético e a concisão gráfica que a arquitetura monumental de Brasília possui em nosso imaginário, como um trunfo.

Para os paulistas, os deslocamentos pela Rodovia Anhanguera podem representar as primeiras experiências de viagem. Hoje, o ato de viajar para conhecer arquiteturas e cidades é uma prática frequente e que pode ser realizada em várias escalas. Deslocar-se entre bairros, caminhar pelas ruas, perpassar territórios e vislumbrar paisagens

são experiências que só o viajante usufrui. Viajar centenas de quilômetros e percorrer milhares de passos para conhecer cidades, edifícios e espaços é um ou outro tipo de experiência, que pode tanto recobrir o *Grand Tour* do século XVIII —consagrado pela viagem à Itália de Goethe— como também reiterar as práticas contemporâneas de interação com espaços para elaboração de conhecimentos específicos do campo arquitetônico. A condição de trânsito das viagens e deslocamentos é oportuna para aprimorar a cultura arquitetônica, proporcionando o contato direto com edifícios, cidades e paisagens.

Hoje, as viagens se configuram como um tema vasto para pesquisas. Viajar é uma atividade integrada à dinâmica da vida contemporânea, proporcionando experiências culturais diretas para quem a pratica. As viagens são muito mais do que meros deslocamentos entre dois ou mais lugares, transgredindo fronteiras, alargando territórios e ampliando horizontes sobre a compreensão e o convívio do viajante com outras culturas, sociedades, línguas, valores e paisagens. A viagem, como tema de pesquisa transversal, pode ser tratada por miríades de abordagens, desde os itinerários e peregrinações, as viagens marítimas, o *Grand Tour*, as viagens científicas, até o turismo de massa. As viagens podem ser tomadas como metáforas para processos de descoberta e transformação, mas também como experiências para ampliar a visão de mundo. A abordagem de Fernanda Peixoto (2015) recobra categorias para tratar das viagens, incluindo viagens de estudos, viagens de pesquisa e formação, viagens de passeio e turismo, viagens exteriores e viagens interiores, além de viagens livrescas e expedições. Ou seja, com já foi apontado em outros trabalhos, a viagem como tema impõe uma reflexão ampla, incluindo as viagens dos arquitetos. Há diferenças do viajar no século XX que já são estudadas na tensão entre “profissão” e “vocaçãõ”, superando o caráter iniciático do viajar romântico. O objetivo da abordagem de Peixoto é rever as trajetórias profissionais com a ajuda das viagens. Neste sentido, uma viagem de estudos ou um passeio por Orlândia pode contribuir para reflexões sobre a trajetória de Angelo Bucci e sua arquitetura.



Imagem 1. Rodovia Anhanguera no sentido interior, 2023. fonte: Eduardo P. Rossetti



Imagem 2. Orlândia, cruzamento da Av. 8 X Rua 2, 2023. Tamanho, fonte: Eduardo P. Rossetti



Imagem 3. Coreto da Praça Mario Furtado, 2023. fonte: Eduardo P. Rossetti

DAS PÁGINAS DAS REVISTAS PARA O MAPA DE ORLÂNDIA

As revistas de arquitetura ainda são meios legitimados para difusão da produção da arquitetura, integradas ao debate crítico e teórico dos círculos acadêmicos e das práticas do campo profissional. *Domus* (Itália), *The Architectural Review* (Inglaterra), *A+U* (Japão) são revistas em plena atividade com edições publicadas e disponíveis para venda em bancas e livrarias. Ao mesmo tempo estas revistas são complementadas por suas próprias plataformas digitais, ampliando seu capital simbólico e reiterando a função das revistas como meio e como suporte de construção do campo profissional.

Nesta perspectiva, a presença de Angelo Bucci e de sua produção nas revistas brasileiras é uma constante. Sejam nas revistas de interesse geral —*Arquitetura & Construção*, *Casa & jardim*, *Casa Vogue*— sejam nas 2 principais revistas especializadas —*Projeto & AU*— ele, seus projetos e suas obras demarcam uma presença e uma atuação profissional no contexto brasileiro, desde o começo dos anos 90. Neste contexto de revisão e reflexão, no alvorecer de uma nova década, a edição de janeiro/fevereiro de 1990 da revista *Projeto* nº.129 traz um debate sobre a década de 80, incluindo a conclusão do processo de redemocratização com a eleição de 1989, e com a perspectiva mítica da próxima virada de século. As questões do campo profissional, os aspectos regionais, a inserção do debate sobre arquitetura nos meios de comunicação de massa, a relação com os clientes, a crítica ao projeto, o lugar do Brasil na tensão centro/periferia, as tendências a produção nacional são alguns dos temas desta retrospectiva.

O concurso e o resultado do projeto para o pavilhão do Brasil na Expo-92 em Sevilha é um fato incontornável na trajetória de Bucci e de seus parceiros Alvaro Puntoni e José Oswaldo Vilela, com ampla repercussão desde o anúncio do resultado. Em 1991, as edições da *Projeto* nº.138 e 139 trazem a “polêmica” em torno do projeto para o pavilhão, que se estendeu por outras matérias jornalísticas, pelas páginas de outras revistas, até ser incorporado à historiografia, especialmente com a publicação do livro “Coletivo – arquitetura paulista contemporânea”, em 2006. Ainda em 1991, a *Projeto* nº.143 (julho/1991) traz uma matéria assinada por Cecília Rodrigues dos Santos sobre os “Novíssimos arquitetos”, legitimando a inserção de novos nomes no campo profissional, apresentando o “retrato dessa geração”, em que o tom otimista manifesta respeito pela coragem nestes novos profissionais e neles deposita confiança no futuro. Na problematização sobre as condições de então e sobre as perspectivas futuras, o superlativo do título da matéria não deixa dúvidas sobre a referência à Bienal de Veneza de 1980, cuja “*Strada novissima*” sintetizava uma abordagem do tema da exposição: a presença do passado.

Entre o futuro, o passado e o presente desta edição, Angelo Bucci aparece ao lado de Alvaro Puntoni e Alvaro Razuk, como um dos arquitetos que integram o grupo/escritório *Arquitetura Paulista*. Ao tratar dos temas “Trabalho”, “Situação” e “Influências/afinidades” que são propostos pela revista, estes jovens profissionais articulam uma única resposta, afirmando um compromisso de abarcar as questões prementes de “nossa realidade” e do “nosso tempo”, sem abandonar as referências culturais do país. A própria constituição do grupo como estratégia de atuação profissional é apontada como “única alternativa” para marcar a posição deles no campo profissional, perante os muitos outros colegas de gerações diversas em plena coexistência, mas também em potencial concorrência. Antes de chegar ao seu próprio escritório, SPBR, há 20 anos, em 2003, Angelo Bucci foi um dos integrantes do MMBB *Arquitetos*, outro escritório formado por egressos da FAUUSP da mesma geração daqueles novíssimos arquitetos. Os projetos e as obras do MMBB também foram regularmente publicados nas revistas. A *Projeto* nº.248 (outubro/2000) traz a clínica de odontologia em Orlandia (2000), devidamente registrada pelas fotos de Nelson Kon. A casa de Ribeirão Preto, cuja caixa d’água foi destacada na capa da *Projeto* nº.270 (agosto/2002) é uma das obras que integram um conjunto de projetos que inclui a casa em Aldeia da Serra (2001), a garagem Trianon (1996), Terminal Parque Dom Pedro II (1997), além da colaboração com Paulo Mendes da Rocha na intervenção na FIESP (1996), na interven-

ção na OCA do Ibirapuera (1998), no projeto do SIVAM/Brasília (1998) e no Poupatempo Itaquera (1999), dentre outras produções amplamente registradas e publicadas.

Este conjunto de projetos e obras construídas num contexto em que Bucci está vinculado ao MMBB, também demarca uma trajetória profissional em que a atuação junto a um escritório —cuja autoria é coletiva— por vezes se alterna com suas atuações mais autorais, em que o conjunto de obras localizadas em Orlandia pode ser valorizado e reconhecido separadamente. Hoje, muitos destes projetos fazem parte de uma produção que já foi bastante publicada e divulgada, e que ainda pode ser rapidamente visualizada nas páginas oficiais dos 2 escritórios —MMBB e SPBR, como é o caso da clínica odontológica: <https://spbr.arq.br/project/157-odontologia/> ou <https://www.mmbb.com.br/projects/view/30>. Ou seja, mais uma vez, mapear as obras de Bucci em Orlandia se justifica como uma estratégia de aprofundar o conhecimento sobre a produção de arquitetura contemporânea para além dos grandes centros urbanos. Longe da dicotomia centro/periferia, ou interior/capital, interessa mapear esta produção em Orlandia para desdobramentos futuros, com a mesma perspectiva de estudos e valorização de uma outra experiência no campo brasileiro: Cataguases.

1. IV Seminário DOCOMOMO Brasil, Viçosa/Cataguases-MG, 30/10-03/11/2001.
2. O “Roteiro de visitas em Cataguases” era parte do material entregue aos congressistas.

Há pouco mais de 20 anos atrás, a cidade de Cataguases, em Minas Gerais, tornou-se um lugar de interesse para nosso campo arquitetônico por possuir um conjunto de arquiteturas modernas, cuja relevância foi legitimada pelo Seminário Nacional do DOCOMOMO Brasil, em 2001.¹ Este conjunto de arquiteturas projetadas por profissionais importantes, tornaram a cidade uma atração para que arquitetos, estudantes e pesquisadores pudessem passear para descobrir e conhecer essas obras. Para isso, um mapa dessas arquiteturas localizadas na trama urbana da cidade era um suporte fundamental. O precioso mapa que a organização do evento fornecia parecia conter surpresas com obras de Niemeyer, Francisco Bolonha, Aldari Toledo, Carlos Leão, Ary Garcia Roza, M.M.Roberto e outros, ao mesmo tempo em que nos deixava livres pela cidade, sendo parte da experiência de uma viagem de estudos passear e ter a vivência do cotidiano da cidade, deambulando, tomando café, ou simplesmente ficando à toa entre suas esquinas e praças até achar as obras que interessavam.² Neste sentido, ainda antes em 1997, por ocasião do 2º. Seminário Nacional DOCOMOMO Brasil



Imagem 4. Casa Bucci, 2023. Tamanho, fonte: Eduardo P. Rossetti

3. “Arquitetura Moderna em Salvador. Anos 30/60 - Roteiro”. Organização: Nino Padilha, Luiz Antonio Cardoso, Luciana Caria, Patricia Queiroz e Tanísia Vieira. 1997.

ocorrido em Salvador, já integrava o material do evento um roteiro impresso em folha A2, dobrado em formato quadrado, contendo os roteiros de visitação pela arquitetura da cidade por meio de um mapa, identificando as obras por bairros ou com indicações de obras fora dessas áreas, como um “pequeno guia”.³ Hoje este mapa é raro, mas representa um esforço de organizar e dar visibilidade a um conjunto de obras que ainda não havia sido sistematizada em publicação específica sobre a arquitetura moderna de Salvador. Este mapa com os roteiros também proporcionava intercalar os passeios e itinerários entre edifícios históricos do século XVII, XVIII e XIX que conviviam no espaço urbano com essas obras modernas.

Em Orlândia está construída uma produção já conhecida de Bucci, incluindo a clínica de psicologia (1998), a clínica odontológica (2000), a casa/salão de beleza (2012), Mas além dessas obras ele ainda tem ao menos 5 projetos residenciais —Casa Miguel Carlos Vitalino (1990), Casa Agostinho Mel (1991), Casas Geminadas-1 (1991), Casa João Gomes Pereira (1992), Casas Geminadas-2 (1997) e mais recentemente, a reforma da casa da família, em que ele nasceu, aqui denominada de Casa Bucci. A contribuição das soluções espaciais, técnicas e construtivas dos projetos de Bucci representam o reconhecimento e o prestígio do arquiteto pela sociedade civil, em sua cidade natal, mas também representam o reconhecimento da arquitetura como afirmação cultural.

A presença de Angelo Bucci nas páginas das revistas, as abordagens de sua arquitetura no debate historiográfico atual e sua trajetória também se evidenciam em artigos e comunicações nos eventos acadêmicos. Em 2011, a publicação de um novo produto editorial voltado para arquitetura destacou a trajetória e a produção do arquiteto ao fazer a sua própria estreia. A primeira edição da *Monolito* abriu uma linha editorial que se mantém em atividade, com a publicações de caráter monográfico, tratando de temas variados referentes à produção de um arquiteto ou escritório, ou tipos de programas, concursos, etc. As colaborações e participações de críticos e fotógrafos para cada edição são relativas ao assunto em pauta. Na primeira edição, justamente dedicada a Angelo Bucci e seu escritório SPBR, a revista apresenta um perfil escrito pelo próprio editor, o arquiteto Fernando Serapião. Neste perfil, Orlândia é diretamente mencionada como lugar de onde uma parte das encomendas de projeto aparece-



Imagem 5. Casa Miguel Carlos Vitalino, 2023. Tamanho, fonte: Eduardo P. Rossetti



Imagem 6. Casa Agostinho Mei, 2023. fonte: Eduardo P. Rossetti



Imagem 7. Casas Geminadas-1, 2023. fonte: Eduardo P. Rossetti



Imagem 8. Casas Geminadas-2, 2023. fonte: Eduardo P. Rossetti

rem na prancheta do arquiteto, definindo a legitimidade de sua inserção profissional a partir de seu círculo social em sua cidade natal. A propósito deste assunto, em outro contexto, o próprio arquiteto reitera a qualidade da relação a ser estabelecida e da latente colaboração que precisa haver entre as partes contratantes e contratadas na elaboração de um projeto. Bucci não gosta da palavra cliente, já que não se trata de um mero comprador, já que a pessoa que procura um arquiteto pode ser um parceiro de trabalho com um papel importante no diálogo profissional.

Além das informações de população, ou sobre a base agrícola da economia de Or-lândia, a cidade é apontada por Serapião como um lugar de concentração de obras de alto nível arquitetônico. Na cidade existem obras de arquitetos de referência nacional, como a fábrica da MORLAN e uma residência, assinadas por Eduardo de Almeida; além do fórum municipal, de autoria de Jorge Wilhelm. No caso das obras de Bucci, o editor aponta que se tratam de obras não publicadas e, mesmo sem quantificar, destaca esta produção. Assim, o texto informa, mas não explica; sugere, mas não revolve o que de fato é, ou seria, toda a produção arquitetônica de Angelo Bucci em Or-lândia. De modo imprevisível, o texto deixa esta oportunidade latente de pesquisa para ser reabilitada. Na perspectiva dos acasos de uma pesquisa, havia a lembrança desta edição da Monolito e mesmo sem o domínio de seu conteúdo, a ideia de fazer o mapeamento das obras de Bucci em Or-lândia foi aventada por mim perante o próprio Angelo, que deu o seu “ok” para a ideia. Ele mesmo é quem recobrou que na época de preparação da edição da Monolito havia o desenho de um mapa com indicações esquemáticas dessas obras, conforme se pode comprovar na página 17. Ver o registro das indicações nas obras neste mapa confirmou a importância de tratar do assunto e a oportunidade de fazer este mapeamento.

A Monolito traz um ensaio assinado Otavio Leonídeo e um ensaio do próprio Bucci, “A pedra e o arvoredor”. A fotografia é feita por Nelson Kon e ao final do exemplar há uma cronologia de 20 anos (1991-2011) de obras e projetos, que não é informada no sumário. Os 13 projetos publicados na Monolito são:

- 1) Pavilhão do Brasil Expo Sevilha'92 (1991), Espanha
- 2) Clínica de psicologia (1995-1998), Or-lândia/SP
- 3) Reforma da Casa Olga Baeta (1997-1998), São Paulo
- 4) Clínica de odontologia (1998/2000), Or-lândia/SP
- 5) Casa em Ribeirão Preto (2000-2001), SP
- 6) Casa em Aldeia da Serra (2001-2002), Barueri/SP
- 7) Escola Jardim Ataliba Leonel (2003-2006), São Paulo
- 8) Casa em Carapicuíba (2003), Carapicuíba/SP
- 9) Casa em Santa Teresa (2004-2008), Rio de Janeiro
- 10) Miateca PUC-Rio (2006), Rio de Janeiro
- 11) Casa em Ubatuba (2007-2009), Ubatuba/SP
- 12) Edifício de apartamentos em Silves (2008-), Portugal
- 13) Edifício de apartamentos em Lugano (2009-), Suíça

Neste conjunto que abarca uma parte da produção de Bucci, Or-lândia aparece com 2 obras. Mas não há dúvidas que, passados mais de 10 anos desta publicação, muitos outros projetos e muitas obras construídas por Angelo ampliam esta lista, recolocando o problema do que poderia ser mais representativo de sua produção. Interessante

Portanto, em sua trajetória profissional, projetar em Orlandia, assim como estar na cidade, é uma constante. No perfil da Monolito, é lembrado que ainda na condição de recém-formado, Angelo fez uma viagem de 3 meses pela Europa. Para isso, ele vendeu o Fusca, que era o carro que também o colocava numa condição de trânsito, para justamente ampliar os seus próprios domínios e sair do Brasil, ver o mundo e conhecer arquiteturas alhures. Ao fazer esta viagem, de certo modo, o arquiteto também realiza o seu *Grand Tour*. Tomado como parte integrante de um processo de educação e amadurecimento, o *Grand Tour* é o paradigma das viagens de conhecimento que têm a sua motivação na experiência do contato direto com cidades, paisagens, edifícios, obras de arte, etc. O deslocamento por territórios, a vivência da mobilidade e a condição providencial de estar em trânsito, cruzando fronteiras entre o conhecido e o desconhecido, são partes intrínsecas deste exercício que reifica um senso de pertencimento cosmopolita.

Angelo Bucci vai de Orlandia para São Paulo e vai de Orlandia o mundo, mas sempre retorna. Aliás, o arranque de sua trajetória já é pontuado por um projeto em Sevilha. Assim, desde então ele permanece na condição de trânsito, seja por meio de projetos, publicações ou exposições, seja como viajante, seja como professor visitante, em permanente condição de trânsito, como “*vítima da globalização*” como pondera com boa dose de autoironia! SPBR, o escritório de Bucci, fundado em 2003, parece conter em seu nome uma chave de escala e abrangência da atuação do próprio arquiteto: SP – São Paulo; BR – Brasil. São Paulo, a cidade de São Paulo, o Estado de São Paulo, ou a partir de uma base paulista. Brasil como condição de brasileiro, a partir do Brasil, seja no Brasil, ou do Brasil para o mundo. Ou seja, “*Continente, cidade, país*”, como recobra Elizabeth Bishop e como sua produção arquitetônica comprova. Hoje, seus projetos e obras estão espalhados em Sevilha, Ribeirão Preto, São Paulo, Carapicuíba, Ubatuba, Rio de Janeiro, Silves, Lugano, Aldeia da Serra, Portland, Phoenix, Murten, East Hampton, Dessau, Itaipava, Campinas, Piracicaba, Barretos, Oiten, Orlandia...

Em 2013, a revista AU nº.230 (maio/2013) publica mais da produção de Bucci, trazendo obras recentes do arquiteto. Em seu Editorial, a revista informa haver 13 obras de Bucci em Orlandia, justamente lá, com abordagens críticas das matérias produzidas pelo arquiteto Rafael Urano Frajndlich. De certo modo, foi esta edição que despertou o interesse de um dia visitar a cidade para conhecer as “*coisas do Bucci*”. Somando as 2 clínicas e estas 3 obras, a listinha de Orlandia já contava com 5 atrações, ou seja, 5 pontos de interesse em uma viagem de estudos. Foi assim que a ideia da viagem começou.

2022/MAIO – VIAGEM DE PROSPECÇÃO: PARAR EM ORLÂNDIA E EXPERIMENTAR

Toda viagem precisa de um roteiro com um mínimo de informações para montar seus itinerários. Aos poucos, as indicações de obras, endereços, lugares, contatos permitem fazer este roteiro, como parte de uma preparação. No caso da viagem para Orlandia é possível apontar que houve uma viagem de prospecção e uma segunda viagem de estudos propriamente dita. Essas denominações vieram *a posteriori*, pois naquela que seria a primeira vez, a ideia era simplesmente entrar na cidade e rodar até achar as 3 obras identificadas com seus endereços: a clínica odontológica, a clínica psicológica e o salão de beleza/casa. E foi justamente numa viagem entre Limeira e Brasília, que eu resolvi parar pela primeira vez em Orlandia. Sair da Rodo-

via Anhanguera na altura do 362km foi mesmo fazer uma parada, uma pausa na viagem maior e uma situação de pouso temporário, num lugar desconhecido. Era uma manhã fria de maio/2022, estava muito cedo e tudo ainda estava fechado, mas isso facilitava dirigir por uma cidade absolutamente sem referências, sem ajuda de nenhum aplicativo ou mapa.

O traçado urbano quadriculado de Orlandia é rigoroso, estruturado por avenidas traçadas no sentido Norte-Sul e por ruas traçadas no sentido Leste-Oeste. As ruas e avenidas são numeradas, definindo um tabuleiro lógico para quem tem orientação espacial, com ruas pares ao Norte e ruas ímpares ao Sul, mas com avenidas de numeração contínua. A malha urbana da cidade é formada por quarteirões quadrados, com 80m de lado, divididos por lotes de 10x40m, que são mormente ocupados por moradias de um só pavimento. Mesmo assim, o interesse pelas casas, pelas praças e pela paisagem urbana de gabarito baixo e regular desviava o olhar e eu me perdia. Finalmente, achei as 3 obras, confirmei os endereços, olhei, analisei e fotografei do meu jeito, lembrando dos enquadramentos das fotos de Nelson Kon. Foi justamente esta viagem sem muito preparo que foi decisiva para confirmar a hipótese de que havia outras obras de Bucci espalhadas pela cidade, mas que eu não conseguia localizar, pois justamente não havia mapa, site ou fonte para ter essas informações. Foi esta constatação que confirmou que fazer um mapa poderia ser oportuno para desdobrar os estudos e fazer a aproximação com uma obra ainda desconhecida, concebida por um arquiteto em plena atividade.

2023/ABRIL – VIAGEM DE ESTUDOS: PARAR EM ORLÂNDIA E PASSAR UM DIA

Para a segunda viagem houve preparação. Foi elaborada uma tabela dos projetos em ordem cronológica, incluindo endereço, nomes de proprietários, contatos, sites, fotografias publicadas. Além disso, foi impresso um mapa da cidade para provisoriamente marcar essas obras, na medida em que eram confirmadas as informações. Em paralelo a estes levantamentos, o próprio Angelo foi contactado e muito prontamente respondeu indicando obras, endereços, nomes e contatos para que nessa viagem eu pudesse ver suas obras. Ele também mobilizou o escritório para auxiliar, fornecer ou corrigir informações naquela tabela, que por sua vez implicavam em alterações no mapa. Com este mapa e as obras marcadas foi definido um roteiro para passar todo o dia pela cidade, pernoitando no Grande Hotel, para retomar a estrada para Brasília somente no dia seguinte.

Este roteiro incluía um percurso entre as obras, com um roteiro que tinha os devidos ajustes para conciliar os horários com quem poderia me receber. Depois de uma intensa troca de mensagens com os contatos indicados e depois de ter das confirmações, a segunda viagem para Orlandia estava pronta para ser feita. Este roteiro também foi definido com limitações que não haviam sido ponderadas, pois a ideia de mapear todas as obras pressupõe que o próprio arquiteto queira mostrar todas as obras. E sem perguntar isso, recebi as indicações do que visitar sem questionar se poderia haver ou não outras obras. Se esta atitude não corrobora as práticas de explorar ao máximo um objeto de pesquisa, certamente corrobora uma atitude respeitosa com o próprio arquiteto. A generosidade de Bucci com esta singela pesquisa de mapear suas obras se confirmou mais uma vez, especialmente quando ele indicou a visita à “*casa onde nascemos*” na Avenida 2, que foi reformada por ele.

EPR 2023	Arquitetura de Angelo Bucci/SPBR em OrLândia/SP			
	Ano de conclusão	Nome do projeto	Imagem geral	Endereço em OrLândia
01	1990	Casa Miguel Carlos Vitalino		Av. 5, nº. 1437 (Av. 5 X Rua 18)
02	1991	Casa Agostinho Meij		Av. 9, nº.1009
03	1991	Casas Geminadas-1		Rua 7, nº.385 (Av. 5 X Rua 7)
04	1992 +reforma-1 +reforma-2	Casa João Gomes Pereira		Av. 3, nº.1936
05	1997	Casas Geminadas-2		Rua 2, nº.1356 (Av. 15 X Rua 2)
06	1998 +MMBB	Clínica de psicologia		Av. 5, nº.793
07	2000 +MMBB	Clínica odontológica		Rua 10, nº.555 (Rua 10 X Av. 7)
08	2009	Casa Bonfante – reforma		Av. 6, nº 760
09	2012	Casa e salão de cabelereiro <i>Lili & Marcinha</i>		Rua 2, nº.750
10	c.2018	Casa Bucci – reforma da <i>“casa em que nascemos”</i>		Av. 2, nº.553

Imagem 11. Tabela das obras de Angelo Bucci/SPBR elaborada pelo autor.

Assim, sem pretender esgotar a localização de todas as obras de Bucci em OrLândia, a imagem 11 indica 8 casas e 2 consultórios/clínicas. São essas as 10 obras que foram mapeadas e visitadas:

A partir dessas viagens de estudos e da elaboração dessa tabela e de um mapa *on-line*, com marcação georreferenciada dessas obras no *Google Earth*, torna-se finalmente possível compartilhar esta experiência e apresentar uma base cartográfica para circular por OrLândia, visitar a cidade e explorar esta produção contemporânea. A partir deste mapa, OrLândia pode ser integrada aos roteiros de viagens de estudos de estudantes, pesquisadores ou profissionais que, uma vez em lá, podem se deslocar entre estas obras em cerca de 2 horas. Este mapa também é uma alternativa para ampliar as qualidades do viajar, percorrer o território e descobrir novas cidades. A partir desse mapa, OrLândia fica aberta para ser explorada, sendo possível deambular, tomar um cafezinho, achar um bom pastel e seguir rumo ao próximo destino estrada a fora. O mapeamento da arquitetura de Angelo Bucci/SPBR em OrLândia é uma oportunidade para articular as experiências de deslocamentos em diferentes escalas, desde a estrada até as experiências do caminhar a pé e da deambulação numa cidade. Este mapa pode ser uma referência para provocar os modos de se colocar na condição de trânsito para conhecer arquiteturas e cidades, passando do dirigir para o caminhar; saindo da estrada para uma cidade e suas arquiteturas.

Ao mesmo tempo, é preciso alertar que este mapa deve ser tomado de modo circunstancial. A ideia é que este mapa seja usado como uma base para ser ampliado e atualizado pelo próprio Angelo Bucci/SPBR, ou novas pesquisas, incluindo novas obras, incluindo informações sobre as obras, ajustando datas, nomes de

colaboradores, adicionando fotografias, etc. Portanto, este mapa tem um caráter colaborativo, cuja utilidade se mostrará maior ou menor na medida em que ele puder ser uma referência desta experiência de conhecer uma produção da arquitetura contemporânea.

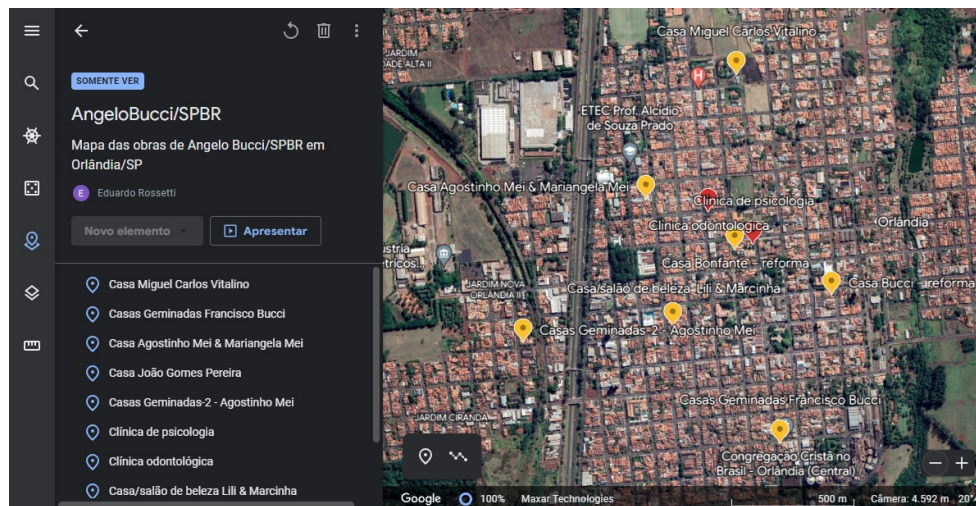


Imagem 12. Captura de tela do mapeamento das obras de Angelo Bucci/SPBR em Orlandia, 2023. Fonte: Eduardo Pierrotti Rossetti & Thiago Turchi. https://earth.google.com/earth/d/1GwTbT149HCHiwCVJxfWN1CBKM_0IaX9f?usp=sharing

DESLOCAMENTOS E VIAGENS PARA QUALQUER LUGAR, ONDE QUER QUE ISSO SEJA

Este mapeamento da arquitetura de Angelo Bucci/SPBR em Orlandia abre possibilidades e organiza alternativas para outras escalas de viagens de estudos para arquitetos, estudantes ou pesquisadores. A viagem de Goethe para Itália continuará sendo sempre uma viagem a ser realizada, uma experiência a ser vivenciada, mas enquanto esta grande viagem não ocorre, é possível pensar em alternativas e considerar as incriveis oportunidades de viagens que temos em nossos próprios territórios e cidades, bastando pegar uma estrada. Na dimensão brasileira, em uma lista de cidades para fazer viagens de estudos sobre a arquitetura no Brasil, não pode faltar: Salvador, Rio de Janeiro, Ouro Preto, Mariana, Diamantina, Paraty, São Paulo, Porto Alegre, Pirenópolis, cidade de Goiás, Recife/Olinda, Belém, Brasília... Mas agora, com este mapa, também podemos incluir Orlandia/SP para ver a arquitetura de Angelo Bucci/SPBR.

Os estudos específicos sobre a arquitetura de Angelo Bucci/SPBR em Orlandia são desdobramentos latentes, mas que não faziam parte de nossos objetivos neste momento. Reconhecemos que são muitas as abordagens sobre sua produção que devem ser aprofundadas em outros trabalhos e outras pesquisas. Recentemente, um trabalho apresentado no DOCOMOMO Sul tratava justamente de 5 casas em Orlandia, especulando sobre as soluções estruturais e soluções formais, também comparando “estratégias de partido” dessas casas com obras alhures. (CAON; BAHIMA, 2022) Aqui, com este mapa, estas abordagens sobre a arquitetura em si podem adquirir um outra dimensão e um sentido de conjunto que, sem tal mapa, ainda não havia. Mesmo com obras tão publicadas e reconhecidas, Orlandia ainda permanecia como cidade natal

do arquiteto, mas era apenas um lugar sem referencial para ser explorada e visitada com a especificidade que este mapa representa.

Sobre a arquitetura de Angelo Bucci/SPBR em Orlandia, é possível desenvolver estudos sobre projetos novos, reformas e ampliações. É possível analisar os programas, tais como: casas, clínicas, casa/salão, casas de aluguel, considerando tanto a legislação urbana, mas também a demanda formulada pelos clientes. Afinal, entre parentes, amigos ou conhecidos, quem são esses clientes? Sobre os aspectos formais, como o uso do concreto aparente e o desempenho da estrutura concorrem para as soluções espaciais e formais? Qual é o valor da superfície como fator de construção da forma? Marcantes são as operações topográficas que definem porções, recortes, níveis e extraordinárias situações espaciais e arranjos em diferentes escalas projetuais, na tensão entre verticalidades e horizontalidades. (BUCCI, 2010, p.43-49) São arquiteturas em que os percursos proporcionam situações espaciais instigantes. Seja por meio de escadas, escadinhas ou rampas, os deslocamentos entre os níveis de pisos podem promover a percepção e a exploração desses espaços para descobrir lugares de estar, os ambientes para realizar tal e qual ação cotidiana. Importantes são os limites entre interior e exterior, na tensão que dissolve o edifício para compor o ambiente da cidade, como ele também argumenta. (BUCCI, 2010, p.62)

Estas indagações, abordagens e especulações não são exclusivas das obras em Orlandia, mas também podem ser formuladas a partir delas. As obras em Orlandia evidenciam nexos com outras obras de Bucci em outras cidades, contextos e paisagens, ratificando a coerência de seus procedimentos de projeto. No caso de Orlandia, trata-se de uma produção que não se configura apenas como mera alternativa formal, mas que detém a competência de vincular-se à trama urbana, ao lote, inserindo variados graus de contemporaneidade arquitetônica à cidade. Arrisco pensar que há em sua obra um interesse difuso pela arquitetura de Alvar Aalto e Carlo Scarpa: o uso de madeira, o rigoroso controle das escalas e das proporções, as cuidadosas soluções estruturais, o uso da água, a expressão dos materiais... É uma arquitetura plena de sutilezas e forças, controles e precisão, em que tudo parece ter a justa medida.

E a propósito da arquitetura de Angelo Bucci, vale relembrar uma passagem de Kenneth Frampton sobre Eduardo Souto de Moura, quando afirma que "*O que há de mais surpreendente no trabalho de Souto de Moura é a excepcional diversidade (...) das suas realizações, especialmente se começarmos por admirar o seu trabalho inicial...*" (Frampton *apud* RODRIGUES, 2014, p.05) E no caso de Bucci, o trabalho inicial olhando para o mundo se dá a partir de Orlandia, estrada a fora, sabendo que a escolha ou a liberdade não é tão sobeja quanto se deseja, como aponta Elizabeth Bishop. Na tensão entre "profissão" e "vocação" esta abordagem sobre a estrada, a viagem, o mapa, a cidade e as obras no meio do caminho organiza uma base cartográfica para reflexões sobre a trajetória de Angelo Bucci e sua arquitetura. Assim, parafraseando o próprio arquiteto, ficam abertas as possibilidades para que novas pesquisas explorem as oportunidades e expressões arquitetônicas que cada projeto pode ter a sagacidade de inventar, onde quer que seja.

REFERENCIAL E BIBLIOGRAFIA

BUCCI, Angelo. São Paulo, razões de arquitetura. Da dissolução dos edifícios e de como atravessar paredes. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

CAON, Sara; BAHIMA, Carlos Fernando. O B de Bucci: casa noventistas em Orlandia. In Anais do Seminário DOCOMOMO Sul, PROPAR/UFRGS, Porto Alegre, 2022. p.395-408. <https://www.ufrgs.br/propar/viidocomomosul/anaisdocomomo7.pdf> acesso: 10/09/2023.

CAVALCANTI, Lauro (Org.). Oscar Niemeyer: clássicos e inéditos. São Paulo: Itaú Cultural, 2014.

COHEN, Jean-Louis. O futuro da arquitetura desde 1889. São Paulo: CosacNaify, 2013.

GOETHE, Johann Wolfgang von. Viagem a Itália. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2001.

Guia de arquitetura modernista de Cataguases. Cataguases: Instituto da Cidade de Cataguases, 2012,

LEED, Eric J.. The mind of the traveler. From Gilgamesh to global tourism. New York: BasicBooks, 1991.

MILHEIRO, Ana Vaz; NOBRE, Ana Luiza; WISNIK, Guilherme (Org.). Coletivo – arquitetura paulista contemporânea. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

Monolito nº.01 – Angelo Bucci/SPBR. São Paulo: Editora Monolito, 2011.

PEIXOTO, Arêas. A viagem como vocação: itinerários, parcerias e formas de conhecimento. São Paulo: FAPESP/EDUSP, 2015.

RODRIGUEZ, Juan. Eduardo Souto Moura at work. Matosinhos: Amag Editorial. 2014.

SOLNIT, Rebecca. A história do caminhar. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

STEVENS, Garry. O Círculo privilegiado. Brasília, Ed. UnB, 2003.

Revista AU nº.230, maio/2013.

Revista Projeto nº.129, janeiro-fevereiro/1990.

Revista Projeto nº.138, fevereiro/1991.

Revista Projeto nº.139, março/1991.

Revista Projeto nº.143, julho/1991.

Revista Projeto nº.248, outubro/2000.

Revista Projeto nº.270, agosto/2002.

site SPBR: <https://spbr.arq.br/>

site MMBB: <https://www.mmbb.com.br/home>

EDUARDO PIERROTTI ROSSETTI[1]

arquiteto, professor e pesquisador FAU-UnB.

rossetti@unb.br

Agradecimentos: Angelo Bucci, Julia Bucci e toda família Bucci; Lucas Roca & Vitória de Mendonça (SPBR); Sylvia Ficher, Andrey Rosenthal Schlee, Carlos Eduardo Dias Comas, Thiago Turchi, Paulo Victor Borges Ribeiro, Rafael Urano Frajndlich e todos de Orândia que me receberam de portas abertas, com uma generosidade inesquecível: Antônio Carvalho, Mariangela & Agostinho Mei, Mariana M.R. Pereira, Lili Barros e Luciano Bonfante.